Eu não via a hora de sair daquele inferno. Enquanto eu procurava por alguma comida, a poeira cegava os cidadãos. Nada para ser achado, nem mesmo uma maçã para ser roubada de uma barraca qualquer. A situação era extrema, e a fome se alastrava pela fortaleza. Os grifos avançavam e matavam um por um. Aqueles que não se escondiam, eram assassinados, e seus corpos apenas eram deixados nas imundas estradas. Um cenário de terror, que começara a pouco tempo. Ninguém estava preparado para tal humilhação, e sem alguma ajuda, poucos batalhavam.

Eu precisava achar comida e rápido! Os grifos avançavam em minha rua. Estava ficando de noite. Meggie ainda estava me esperando. Eu não ia voltar de mãos vazias. Foi quando vi um pequeno objeto saindo das camadas de poeira acumuladas na estrada. Não brilhava. Apenas se misturava ao marrom que encobria toda a cidade. Puxei mesmo sabendo que não seria comida para levar para casa. Mas ao menos teria uma boa desculpa.

Abria a porta, antes mesmo dos grifos notarem a minha fuga. Era uma casa abandonada, mas tinha os seus segredos. Movi algumas tábuas no chão, e entrei no porão. Lá, ao menos tínhamos mais chances de não sermos percebidos. Coloquei a tábua em seu respectivo lugar, e nenhuma luz exterior (e poeira) conseguia penetrar na madeira. Perfeito.

-Zany! – Falou Meggie, correndo do banheiro e me abraçando com força ao notar que eu voltara. A sua crina negra roçava em meu rosto, e aquilo me colocava de volta a normalidade.

Eu estava um pouco triste. Não havia conseguido nada naquele dia. Nosso estoque estava acabando. Nossa situação era precária, como o de muitos pôneis na região. Eu estava bem ali, mas não ia ser por muito tempo. Abri o saco, e mostrei pra Meggie o meu fracasso. Logo, o seu rosto de felicidade esvaiu-se. Agora, ela estava com uma expressão séria, e provavelmente estava um pouco decepcionada. Nada falou, apenas sentou no chão e focou em algo distante. Eu via a esperança sumir eu seu olhar. Via nos olhares de todos. Enquanto assassinos rondavam a cidade, morríamos lentamente. Eu não queria aquilo para a minha única amiga. O fato que eu conseguira apenas uma sacola de linho com um punhado de lixo ao invés de comida só tirava os nossos ânimos.

Não bastava a carência de comida, os grifos que rondavam a cidade para assassinar qualquer um que perambulava pelas estradas, a tempestade de poeira que ocorria nos últimos dias e a perda de amigos a cada dia que passava para os deuses pararem de nos castigar? Eu estava enfurecido. Minha vida sempre fora um desastre, mas agora estávamos em proporções inaceitáveis.

Foi quando Meggie tirou um objeto camuflado dentro da sacola. Era nada mais do que um mapa horrivelmente desenhado.

Os nossos cascos tremiam de fraqueza. Nossas vistas estavam embaçadas. E o nosso nervosismo só aumentava quando víamos que eu acabara de pegar os pertences caídos de um dos grifos que andavam por aí na cidade. Eu estava morto. Mas o conteúdo da sacola não era desinteressante como parecia ser. Estivera na poeira por horas, mas só agora alguém teve a coragem de pegar. E essa pessoa era mais um daqueles que procuravam desesperadamente por comida.

Finalmente proferíamos mais do que simples palavras.

-Um mapa. Para os exteriores da fortaleza. Zany, isso é tesouro!

-E encrenca também – Disse eu andando para um segundo cômodo, onde abrigávamos uma espécie de mesa de jantar. – Eu estou morto!

-Eles não vão descobrir, meu gostoso – Meggie me seguia e me beliscava. Eu nunca duvidei que ela tivesse uma espécie de múltipla personalidade. O pior é que eu gostava do jeito sedutor que ela dirigia pra mim quando feliz. – A gente pode foder com a vida desses desgraçados que estão matando todos! Haha

Meggie pulava pelo porão.

-Zany, ainda há um X. UM X NO MAPA!

-Meg... Um X nem sempre quer dizer um tesouro.

-Mas há um X... HÁ ESPERANÇA ZANY

Foi quando coloquei meu casco na boca dela em sinal de silêncio. Ela estava alterada. Eu não duvidava que ela ia pular para fora da fortaleza quando eu menos suspeitasse.

-Você é covarde sabia?

-Meg. Olhe ao nosso redor! Olhe para as nossas condições! Você é louca!

-Não, você que é fraco! Temos uma oportunidade e você está jogando no lixo, que é o lugar onde toda essa cidade está! Desde que nascemos temos que viver no lixo, e tudo por causa de uns grifos que querem a nossa morte!

-Grifos, dragões, quimeras – E a minha lista podia ser muito bem complementada. Meggie ainda não acreditava que absolutamente todas as outras espécies e criaturas estavam contra os pôneis sem motivo algum, desde o começo dos tempos. Eu não conseguia superar a loucura e paranóia dessa menina.

-Vai te foder! Eu vou seguir o meu sonho!

E então Meggie fechou a porta com a maior força do mundo. Eu jurava que lascas voavam com tamanha raiva que a minha amiga puxava a maçaneta.

Por curiosidade, eu revistava o saco mais a fundo. Dentro eu encontrava uma faca, um sabonete (oba), e comida! Um pote com amendoins! Aquilo fez o meu dia. Quem diria que eu realmente tinha achado comida na estrada. Meggie ficaria feliz ao ver o meu “sucesso”.

Escrevi um bilhete amoroso e deixei em cima das nozes. Era tudo pra ela. Eu havia perdido a fome. Eu estava enjoado daquilo tudo. A minha pelagem estava coberta de poeira. Era por isso que éramos conhecidos como os pôneis marrons. Apelido idiota criado pelos nossos maiores inimigos.

Achei engraçado como tudo aquilo que estava na sacola não tinha um padrão. Era como se o guarda havia colocado tudo dentro por pura aleatoriedade. Parecia que os grifos continuavam com mentalidade inferior à dos pôneis. Mas o que adiantava inteligência quando somos caçados por todos? Desde que o mundo é mundo, ou ao menos o que contam as histórias, os pôneis foram confinados dentro de uma fortaleza, proibidos de contato com o mundo exterior. Aquilo estava extinguindo a nossa espécie. E eu sabia que não faltava muito.

Fui tomar um belo de um banho. A minha pelagem azul aparecia mais uma vez. Minha Cutie Mark era visível novamente. Um par de botas. Sério, um par de botas. O que diabos isso significava na minha vida eu não sabia. Provavelmente eu conseguira na minha infância quando ajudava o meu pai, já falecido, a costurar roupas, e o máximo que eu costurava eram as botas dos pôneis. Mal me lembro quando que conseguira o símbolo. Mal tinha comemorado na época. Porque eu comemoraria?

Sequei-me. Meggie havia dormido. A porta estava quebrada também, e só assim eu conseguia ver que ela dormia que nem um anjo. Achei fofo. Eu gostava dela. A pelagem roxa estava feia. Suas crinas bagunçadas. Suas patas com calos. Ela estava acabada. Mas continuava bela pra mim.

Bem, como ela dormira na minha cama, e esquecera que o quarto dela era o outro, decidi dormir na cama dela. Muito mais confortável. Rá. Eu iria rir dela ao amanhecer.

Não sei o que sonhei. Não sei quais foram os meus últimos pensamentos antes de pegar no sono. Mal tive forças para me mexer durante o descanso. Acordei tão igual quando havia dormido que não sabia se já era de manhã ou ainda madrugada. A ausência de janelas sempre causava isso.

Fui dar um pulo no quarto da Meggie, ainda sonolento e cambaleando. Ela não estava lá. E ela geralmente dormia até muito tarde.

Ela não estava em qualquer outro cômodo. A tábua que escondia o nosso refúgio estava mal colocada. Ela nunca aprendera a colocar de volta. O que restava era saber o que ela estaria fazendo nos andares de cima, que não continham absolutamente nada além de um piso de madeira empoeirado e... Só. Até o teto estava ausente naquela espelunca.

Ela não estava lá. Teria ela ido procurar por comida ou qualquer outra coisa, aproveitando a curta ausência dos grifos? Eu já havia começado a tremer.

Só então que percebi, ao voltar para o porão, que os amendoins continuavam lá. E o bilhete que eu havia escrito carinhosamente estava com mais informações no verso.

“Eu peguei o mapa e me mandei pro portão Norte. Levei os amendoins também. Se quiser as coisas de volta, venha me achar <3 É perigoso ir sozinho, então pegue o que está no lado direito da mesa que eu achei na sacola. Não acredito que você não havia notado isso. Bobo.”

Meu deus. Ela havia se esquecido de “roubar” os amendoins obviamente.

As setas apontavam para um objeto escuro no chão. Era a faca que eu havia encontrado na noite anterior enrolada em um pano preto. Reconheci pois era um pedaço do meu gorro que eu usava ao sair para as ruas da cidade quando fazia frio.

Ela enlouquecera novamente.